

### RESENHA

BERTH, J. Empoderamento. São Paulo: Pólen, 2019. 184 p. ISBN 978-85-98349-75-6.

Resenhado por Juliana Harumi Chinatti Yamanaka <sup>1</sup>(Fonte Times, Tamanho 12)  
*Universidade de Brasília*

Recebido em: abril de 2020  
Aceito em: dezembro de 2020  
DOI: 10.26512/les.v21i2.31043

Se o *poder* tem sido objeto de interesse para uma abordagem da linguística crítica há cerca de 50 anos, sobretudo para as investigações linguísticas decorrentes dessa perspectiva como, por exemplo, a Teoria Social do Discurso (MAGALHÃES, 1986), *poder* e *dominação* têm sido pautados por mulheres, seus estudos teóricos e movimentos sociais há muito mais tempo, mas não de forma homogênea. Desde os primórdios do movimento feminista, é intrínseco o desejo de *empoderar* mulheres (PINTO, 2010), embora o discurso de Sojourner Truth já denunciasse os problemas de uma categorização universal do coletivo e as consequências nefastas de pretensos interesses compartilhados (RIBEIRO, 2017). Por esse motivo, estudiosas pautam o binômio mulher-poder à sua perspectiva, demarcação e posicionalidade.

Com o objetivo de recuperar o que chama de Teoria do Empoderamento, Joice Berth dedica-nos o título *Empoderamento*, livro de bolso, com 184 páginas, publicado pela Editora Pólen em 2019. A obra, que leva o selo Sueli Carneiro, compõe a coleção Feminismos Plurais, coordenada pela filósofa Djamila Ribeiro juntamente com pesquisadoras/es e autoras/es negras/os que se empenham em apresentar de forma didática e acessível temas importantes para o debate contemporâneo de grupos historicamente secundarizados.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (2020 – 2024). Mestra em Linguística Aplicada (2013), licenciada em Letras (2009) pela mesma universidade. Atua em Linguística Aplicada, desenvolvendo trabalho em interface com a Análise de Discurso Crítica. Interessa-se por temas como: identidades, representações discursivas, processos de ensino-aprendizagem de línguas adicionais e formação de professores numa perspectiva crítica de linguagem.

O livro está dividido em nove seções que 1) exploram as disputas de sentidos em torno do termo empoderamento; 2) discorrem sobre perspectiva crítica que propõe como horizonte a conscientização e a transformação prática como centrais para a contestação social; e 3) apresentam experiências relacionadas ao termo. Trata-se de uma obra que nos desafia a refletir sobre as convergências entre os estudos feministas e os estudos da linguagem, especialmente sobre as possíveis mediações entre o social e o linguístico, a partir de uma determinada noção de *poder*, que desde a segunda metade do século XX vem pautando debates dentro e fora da academia.

Na introdução, Berth explicita que parte de uma noção de poder descentrado cuja referência se encontra em Michel Foucault e na sua compreensão de que as relações de significação são atravessadas por poder. As consequências em se assumir uma constelação dispersa e desigual de poder distribuído entre atores é o que permite falar em capacidade de agência humana onde reside o potencial de resistência, contestação e ressignificação de narrativas que se esforçam por instituir noções definitivas sobre os diferentes atores e grupos (PINTO; AMARAL, 2016; SCOTT, 1995). Com o intuito de não reduzir o poder a uma esfera do indivíduo, a autora se alinha também a Hannah Arendt com o objetivo de trazer para o centro da questão o potencial de ação coletiva, em conjunto ou em grupo. Para Berth, *empoderamento* diria respeito a possibilidade de descobrir em si mesmo o potencial para agir no meio em prol de uma coletividade visando a equalização de existências.

A apresentação da definição do termo empoderamento, logo no início do livro, configura-se como uma estratégia textual que busca evidenciar as bases fundamentais que orientam a obra, sem se permitir confundir com os diferentes matizes que o termo tem assumido pelo seu uso indiscriminado, sobretudo, despreocupado com recortes meramente individualistas que pode adquirir. Por esse motivo, a autora dedica a segunda seção ao *Breve histórico da palavra empoderamento* na qual apresenta a perspectiva da Conscientização Crítica que fundamenta o conceito e que tem como uma das referências importantes Paulo Freire e também bell hooks, Patricia Hill Collins, Angela Davis, Srilatha Batliwala.

Na seção seguinte, chamada *Opressões estruturais e empoderamento: um ajuste necessário*, a autora prossegue com a crítica à cooptação do termo por um viés neoliberal que enfatiza a transcendência individual ao desconectar as práticas sociais das estruturas de poder. Apesar de concordar com o esvaziamento do sentido ao longo do tempo, a autora propõe a retomada do termo destacando que o empoderamento individual e coletivo são dimensões de um processo gradual comum. Conforme destaca na seção, para que um projeto de libertação individual e coletivo se efetive, é preciso romper com práticas de silenciamento de estruturas opressoras, que

se manifestam pela indisposição ao diálogo ou pela incapacidade de se assimilar o que está sendo dito.

Já a terceira (*Empoderamento: perspectiva econômica e de políticas públicas*) e a quarta seções (*Acesso a mecanismos de participação social: um debate sobre democracia e empoderamento*) confluem para a compreensão de que mais que uma técnica, o empoderamento diz respeito a experiências que contestam e deslocam as dinâmicas de relação de poder que afetam um grupo, sendo fundamental, para a alteração do sistema, o desenvolvimento de um trabalho de base que alimente e fortaleça a representação coletiva. Para o campo dos estudos discursivos, essas seções reforçam a importância das investigações em Análise de Discurso Crítico como ferramenta de tensionamento dos limites democráticos que tanto afetam e silenciam os grupos minorizados.

Dando continuidade a isso, a quinta (*Ressignificação pelo feminismo negro*) e a sexta seções (*Estética e afetividade: noções de empoderamento*) retornam às contribuições (teóricas e práticas) das mulheres negras no enfrentamento de opressões, as quais se ampararam especialmente na criação de redes instituídas, para além da dor, pelo potencial de criatividade, afetividade e solidariedade. A autora reivindica a retomada do termo *empoderamento* a partir do conjunto de saberes e práticas acumulados por essas mulheres, como estratégia para o fortalecimento da autoestima e do reconhecimento de potenciais dos grupos subalternizados. Assim, como afirma Berth (2019, p. 141) “entender a autoavaliação de si mesmo e, principalmente, conseguir detectar aquilo que o sistema conseguiu adulterar em nós mesmos, é um ato político importante”.

Sem reduzir a complexidade das várias relações de força, a obra se encerra com a necessidade de se deslocar também as relações econômicas para a efetividade do empoderamento em todas as suas dimensões. Ao focalizar fissuras sociais, a obra propõe nova sociabilidade a partir do acúmulo e das contribuições que, especialmente, o movimento feminista negro tem trazido para o campo teórico e prático de transformação social. Nesse sentido, a obra *Empoderamento* apresenta reflexões úteis para as Ciências Sociais, Humanas e também para a Análise de Discurso Crítica, enquanto campo teórico-metodológico interdisciplinar, que dizem respeito aos cuidados e coerências epistemológicas que devemos ter ao se utilizar o termo no campo da produção de uma crítica social. A obra se dirige a aquelas/es que tenham interesse em reconhecer o papel do poder nas dinâmicas sociais, ao observar não somente as práticas que repercutem sobre processos de vulnerabilização da vida, mas também práticas de resistências. Embora já existam outros estudos que abordem a questão do empoderamento, a obra se destaca por reuni-los e analisá-los a partir de da resignificação pelo feminismo negro.

## REFERÊNCIAS

BERTH, J. *Empoderamento*. São Paulo: Pólen, 2019.

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 1-9, 2005.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, v. 18, n. 36, p. 15-23. 2010.

PINTO, J.; AMARAL, D. Corpos em trânsito e trajetórias textuais. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 151-164, 2016.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.